

VI Fórum de
Pós-Graduação
do Colégio
Brasileiro de
Ciências do
Esporte

III Fórum de
Pesquisadores das
Subáreas
Sociocultural e
Pedagógica da
Educação Física



A Pós-Graduação na
Educação Física e a
Educação Básica
Brasileira

01 a 03 de JUNHO de 2016

ESEFID - UFRGS
Porto Alegre - RS



AUTOETNOGRAFIA: MODELO CONTRA-HEGEMÔNICO PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Fabiano Bossle

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E-mail: fabiano.bossle@ufrgs.br

Cibele Biehl Bossle

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E-mail: cibele.bossle@terra.com.br

Leandro Oliveira Rocha

Rede Municipal de Ensino de Teutônia/RS

E-mail: leandro.rocha@univates.br

Lucas Lopez Cruz

Rede Municipal de Ensino de Canoas/RS

E-mail: lucasofg3@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Recentemente, um professor manifestou sua opinião em uma aula com alunos de Pós-Graduação sobre a autoetnografia: “Autoetnografia não é ciência!” Seria a revelação de uma monocultura racional (SANTOS, 2004) pautada pelo determinismo positivista em definir que há um único modelo de ciência? No caso específico das pesquisas pedagógicas em Educação Física, conferir protagonismo ao professor que pesquisa a cultura escolar que compartilha, não seria uma excelente forma de reconhecer e validar as interpretações feitas pelos participantes de culturas marginalizadas e consideradas subalternas (APPLE, 2008; FONSECA, 2006) como forma de produzir reflexão e resistência ao modelo hegemônico e dominante de ciência, de educação e de sociedade? Nos propomos a reflexão a partir do reconhecimento das forças do campo científico (BOURDIEU, 2004) da Área 21 da CAPES e, o empoderamento produtor das possibilidades contra-hegemônicas na relação entre a Educação Física na Educação Básica e a Pós-Graduação brasileira. Ou, ainda, perguntar qual o lugar do professor de Educação Física da Educação Básica na Pós-Graduação brasileira (argumentando aqui na oposição ao modelo hegemônico de ciência praticado – na Educação Física da Área 21 da CAPES - que insiste em validar a distinção dicotômica entre sujeito e objeto de pesquisa)?

DESENVOLVIMENTO

A análise apresentada por Bracht *et al.* (2011; 2012) e reforçada por Wiggers *et al.* (2015) de que o volume de publicação sobre o tema Educação Física escolar nos periódicos nacionais é baixo em relação a outros temas da Educação Física, é reveladora das forças dominantes que atuam no campo – um microsocismo com regras próprias (BOURDIEU, 2004) – e que são ordenadores da estratificação de valores reproduzidos da sociedade, culminando ao equivalente a dizer que o conjunto de regras, critérios e modos de vida definem a existência de estabelecidos e *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000). A afirmação de que autoetnografia não é ciência parece remeter mais a negação de um paradigma emergente de conhecimento que Santos (1987) entende se constituir em uma dimensão total, e por isto mesmo, é local, ou seja, configurada em redor de temas que em dado momento são abordados por grupos sociais concretos como projetos de vida locais. Em oposição, parece remeter ao retrocesso de questionar as relações entre

VI Fórum de Pós-Graduação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

III Fórum de Pesquisadores das Subáreas Sociocultural e Pedagógica da Educação Física



A Pós-Graduação na Educação Física e a Educação Básica Brasileira

01 a 03 de JUNHO de 2016
ESEFID - UFRGS
Porto Alegre - RS

a ciência e a vida cotidiana de pessoas comuns, como é o caso dos professores de Educação Física e a produção de conhecimentos do dia-a-dia compartilhados na cultura escolar que conferem sentido às nossas práticas e, que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso. Entender o lugar da autoetnografia como desenho teórico-metodológico potente na compreensão dos modos de vida compartilhados pelos professores de Educação Física da Educação Básica no cotidiano das escolas significa, para nós, reconhecer as interpretações produzidas nas culturas por quem vive a escola na contemporaneidade.

Pesquisar com os professores não é retórica panfletária, mas a localização paradigmática do pesquisador que reconhece a intersubjetividade como uma categoria central ao fazer ciência. Esta perspectiva de interação subjetiva trata da compreensão a respeito de nós mesmos como seres da vida e como sujeitos do conhecimento (BRANDÃO, 2003), ou seja, é “de dentro”, a partir da interpretação microscópica dos aspectos simbólicos compartilhados em universos particulares e experimentados pelos professores e pelo pesquisador que “vivemos a pesquisa que fazemos” (idem), ou seja, a responsabilidade social do pesquisador é assumir sua não-neutralidade na produção de conhecimento.

CONCLUSÃO

Ao retomar a questão da autoetnografia e de sua potência na compreensão e reconhecimento do valor sobre como os professores de Educação Física fazem, vivem, compartilham e produzem na cultura escolar particular, retomamos o tema central deste fórum que é a Educação Física na Educação Básica e a Pós-Graduação Brasileira. Parece-nos que a autoetnografia, opera dentro da racionalidade de desenho teórico-metodológico convergente ao paradigma contra-hegemônico de ciência, talvez na perspectiva da sociologia das ausências proposta por Santos (2004), cujo objetivo é transformar impossíveis (negados) em possíveis objetos, ausentes em objetos presentes e, que o lugar do professor de Educação Física da Educação Básica na Pós-Graduação brasileira é pesquisando sua própria prática e produzindo conhecimentos relevantes para a formulação de Políticas Públicas que promovam mudanças sociais a partir da educação.

REFERÊNCIAS

- APPLE, M. W. **Currículo, Poder e Lutas: com a palavra, os subalternos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BOURDIEU, P. **Os Usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.
- BRANDÃO, C. R. **A Pergunta à Várias Mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação**. (Série Saber com o Outro). São Paulo: Cortez, 2003.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000
- FONSECA, C.; BRITES, J. **Etnografias da Participação**. Santa Cruz, EDUNISC, 2006.
- SANTOS, B. S. **Um Discurso Sobre as Ciências**. Porto/PT: Afrontamento, 1987.
- SANTOS, B. S. The World Social Forum: toward a counter-hegemonic globalisation. **World Social Forum: challenging empires**. New Delhi: Viveca Foundation, p. 235-245, 2004. Disponível em http://www.choike.org/documentos/wsf_s318_sousa.pdf Acesso em 14 de abril de 2016.

